

# Catarina Troiani.

## Introdução.

É necessário que nos realizamos no bem para que sejamos felizes. Mas a nossa experiência cotidiana nos diz que o mal nos seduz e que nem sempre conseguimos superá-lo.

Também São Paulo, escreveu aos Romanos, confessava essa sua fraqueza: “Eu sei, efetivamente, que, na minha carne, não reside o bem, pois querer o bem está ao meu alcance, mas realizá-lo não. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero”(Rom 7,18-19).

Para permanecer no bem, precisamos da ajuda do Senhor dos nossos irmãos. Devemos, portanto, nos estimular reciprocamente, a caminharmos juntos à luz do Espírito Santo. É preciso entrar em contato com as pessoas que conseguem ou conseguiram realizar tal coisa. Existem tantas que conhecemos e mais ainda as que não conhecemos. Propomos uma:

### MADRE MARIA CATARINA TROIANI

Chamada pelo batismo a ser santa, Madre Catarina empenhou toda sua vida nessa realização.

E o que mais nos encoraja é que seu valor ou a autenticidade de sua vida cristã não devem ser procurados em coisas grandiosas, mas sim no exato e contínuo cumprimento de seus deveres ordinários e cotidianos, mesmo os mais insignificantes.

Eis o que anota, aos 17 anos, no seu diário:

“...Meu Jesus, depois que eu te pedi tantas graças, venho humildemente dizer-te aquilo que me sinto inspirada a fazer por teu amor.

Estar pronta a fazer por ti todos os sacrifícios, especialmente aqueles cotidianos, que são os que mais me custam, como estar pronta a sacrificar-me por amor de meu próximo, seguir as boas inspirações, negar-me as pequenas satisfações, ainda que lícitas...; suportar em silêncio as pequenas dores, ...executar pontualmente os meus deveres.

Habituar-me-ei a oferecer cada pequena ação ao Senhor antes de começá-la; enfim, a estar na presença de Deus; cada manhã direi a mim mesma: hoje quero ser melhor do que fui ontem, e toda noite pensar se poderia ter feito algo melhor durante o dia”.

Isso é difícil. É uma tarefa que requer coragem, força de vontade, perseverança, uma grande humildade e uma imensa misericórdia do Senhor, tudo consolidado pelo amor e pela fidelidade.

Fazer a caminhada significa experimentar as alegrias de uma conquista que permanecerá para sempre.

### **Cidade Natal.**

Não obstante o acelerado processo de industrialização que, naqueles tempos, transformou a cidade de Giuliano de Roma, estendia pelos verdes prados do monte Siserno, circulado pela cadeia de montes Lepini, justamente no coração da Ciociaria, a mesma conserva, quase intatas, a tranquilidade e seriedade de cidade rural.

Habitada por gente forte, simples, cordial, hospitaleira e laboriosa, esse lugar viu nascer, em seu seio, homens e mulheres de grande cultura e santidade.

Maria Catarina Troiani, cujo o nome civil é Costanza Domenica, é uma delas.

Giuliano, na diocese de Ferentino e, atualmente, na província de Frosinone, foi, a um certo tempo, feudo dos príncipes Collona e, depois, incorporado pelo Estado Pontifício, ao qual pertenceu até 1870.

A família Troiani era uma das principais da cidade. Fiéis ao Papa, ocuparam-se em dar caridosa hospitalidade aos sacerdotes perseguidos por Napoleão em 1809 e, depois, pelos republicanos de Roma entre 1848 a 1849.

### **Nascimento e primeiros anos de Constância.**

Giuliano de Roma 9 de janeiro de 1813.

É festa na casa de Troiani. Francisco e Liberato saltam de alegria pelo nascimento da irmãzinha. Teresa e Tomás olham com emoção e admiração a terceira filha.

De acordo com o costume daquele tempo, preocupam-se em celebrar o batismo o quanto antes, e a pequenina, gerada para a graça, alguns dias depois do seu nascimento, entra para a grande família eclesial com o nome de Constância Domenica Antonia Troiani.

O pai é um homem considerado e estimado na cidade. Exerce diversas funções: vereador, professor e organista na paróquia. A mãe, proveniente de uma distinta família da cidade de Amazeno, região da Ciociaria, é uma mulher muito boa e religiosa, toda dedicada à casa e à educação dos filhos.

A serenidade familiar promete a Constância e aos seus irmãos uma vida confortável e feliz. Mas a felicidade durou pouco.

A dor foi necessária para torná-la mais forte, desde a infância, o espírito da futura missionária.

Com apenas 6 anos, Constância sente-se privada dos afetos mais caros: a mãe morre inesperadamente, vítima de uma incompreensível tragédia familiar. O pai, acusado da autoria do triste acontecimento, foge, e alguns parentes assumem o cuidado dos pequenos órfãos.

Constância é acolhida por uma tia materna que, de acordo com o bispo, confiou-a às Irmãs da Comunidade da Santa Clara da Caridade em Ferentino.

As Irmãs acolhem a pequena com verdadeiro amor materno e ajudam-na a crescer extrovertida, bondosa, alegre. Constância sente-se como família e afeiçoa-se às suas mestras como verdadeira filha.

### **Constância no Colégio.**

Constância não é diferente das outras meninas da sua idade: faz caprichos, desobedece, teima, briga. Compreende, porém, que certos comportamentos não são corretos; certas atitudes e posturas não são virtudes, mas defeitos e ela quer a todo custo evitar até as mínimas imperfeições.

Empenha-se muitíssimo para ser melhor; pede desculpas e perdoa, ainda que isso não lhe seja muito fácil. Não se deixa guiar pelo instinto, mas pelas boas inspirações e, sobretudo, pelo amor a Jesus, o seu maior amigo e confidente.

A ele corre chorando quando não se comporta bem, pede-lhe perdão por tê-lo ofendido e ajuda para corrigir; oferece a mortificação de tantas pequenas satisfações, mesmo as lícitas; alegra-se com pequenas vitórias conseguidas sobre si mesma.

As Irmãs se preocupam em cultivar essas boas disposições de Constância e dar-lhe uma formação completa.

Junto a outros dons, a menina demonstra uma inteligência pronta e vivas e, por esse motivo, procuravam dar-lhe uma instrução adequada, nutrindo a secreta esperança de que, um dia, abraçasse a vida religiosa, tornando-se ótima educadora e mestra.

### **Vocação religiosa.**

Transcorrem-se dez anos desde o dia que Constância chegara a Ferentino.

Cresceu, tornou-se uma bela moça, é hora de deixar o colégio. Mas, coisa estranha: a idéia não a entusiasma.

Às insistentes pressões dos parentes para que retorne à família, um belo dia, encontra a coragem de responder:

-“Não, eu não sou mais do mundo, mas de Deus e quero me consagrar toda a ele”.

Isso foi como um relâmpago no céu sereno! Refeitos da surpresa, os parentes não queriam admitir as loucuras desta adolescente inexperiente em relação à vida social.

Constância é muito jovem, mas, segura e firme na sua decisão, pede para ser religiosa na Comunidade na qual foi criada.

No dia 8 de dezembro de 1829, festa da Imaculada Conceição, Constância realiza o seu maior desejo e veste o hábito franciscano.

-“Não te chamarás mais Constância, mas Irmã Maria Catarina de Santa Rosa de Viterbo”.

Sabia bem o que significavam as palavras: sair de uma situação de vida, empreender um caminho novo, desconhecido, enfrentar incertezas e todos os desafios que a nova vida impõe.

Um empenho de vida e uma missão que nascem e se desenvolvem sob o signo de um amor fiel e absoluto ao “Esposo Crucificado nu, e abandonado”, uma entrega total e confiante a Deus e à Suas Amabilíssima Vontade em qualquer circunstância, uma fé e uma esperança a toda prova, apoiadas em Jesus Cristo pobre e humilde.

### **O ano de noviciado.**

Irmã Maria Catarina queria levar as coisas a sério; não lhe agradavam as meias medidas, queria ser uma irmã de verdade.

Naquele ano de noviciado, empenhou-se totalmente nisso. Se a casa não se identifica em sólidos fundamentos, desaba no primeiro sopro de vento.

É exemplar em tudo: na oração, no cumprimento da Regra de vida das Irmãs, no trabalho e no amor fraterno; sempre pronta a fazer tudo a todos.

As Irmãs não podem deixar de admirá-la.

Nada de ideais vagos e passageiros; Irmã Maria Catarina agia motivada pelas convicções bem profundas, não tinha dúvidas quanto a sua vocação.

No dia 16 de dezembro de 1830, a noviça, que não tinha ainda 18 anos, consagra-se ao Senhor, prometeu-lhe viver por toda a vida em obediência, pobreza, castidade, enclausurada e sempre naquela comunidade religiosa.

Como se isso não bastasse, juntou, mais tarde, a esses votos, um propósito: viver sempre como irmã, escondida e esquecida de todos, conhecida só pelo Senhor.

## **O “Chinelinho”.**

Nos anos transcorridos no Colégio, Constância estudou seriamente. O Bispo de Ferentino sabia disso, conhecia-a bem, conhecia sua capacidade de ensinar e sua formação. Confiou-lhe, então, o encargo de dar aulas.

Irmã Maria Catarina nutria grande amor pelas crianças, pois “delas é o Reino dos Céus”. Aceitou esse serviço como uma missão conferida por Deus e desempenhou-a com eficiência e paixão, procurando dar às suas alunas, juntamente com a cultura, uma sólida formação humana e cristã.

Era boa, não se inquietava nunca. Dizia uma aluna: “Quando éramos particularmente vivazes e indisciplinadas, ao invés de nos punir, convidava-nos a fazer a oração à Nossa Senhora”.

O Senhor, certamente, agraciou-a com muitos dons, que ela sabia serem gratuidade de Deus, por isso sentia o dever de colocá-los a serviço de todos. Conquistou logo a confiança de todas as Irmãs. Tinha apenas 18 anos quando foi nomeada conselheira da comunidade religiosa e aceita esta responsabilidade em espírito de serviço.

A Abadessa, Madre Maria Aloísia Castelli, apreciava a disponibilidade, a vontade pronta e operante da jovem Irmã e a quis junto de si no governo da comunidade, como secretária, arquivista, tesoureira e diretora do pequeno educandário.

Irmã Maria Catarina não tinha desejo senão estar a serviço das irmãs, com verdadeiro espírito de disponibilidade. Por isso, gostava de se definir como “o chinelinho das suas irmãs”, não querendo ocupar os primeiros lugares e exercitando a virtude da humanidade. Tudo por amor ao seu esposo Jesus, ao qual se consagra.

## **Uma válida colaboradora.**

A Madre Abadessa, na procura de maior perfeição para si e para as suas filhas, coloca um horário mais rígido para a vida das Irmãs no Colégio. Depois, conhecendo o fervor e o senso de responsabilidade de Irmã M. Catarina, encarrega-a de animar as Irmãs na compreensão do sentido das prescrições e na realização e tudo com fidelidade.

Com habilidade e fé indescritíveis, Irmã Maria Catarina se empenha junto à Madre Casteli, a abadessa, para parte das autoridades civis e religiosas.

Inicialmente, as autoridades eclesiásticas sugeriram que as irmãs adotassem a constituição da Congregação das Mestras Pias, ao invés de redigirem os seus próprios estatutos. As irmãs não aceitaram tal proposta.

Irmã Catarina defende, com veemência, a fisionomia franciscana da comunidade religiosa e, assim, a Regra e as Constituições, permeadas pelo espírito de São Francisco e de Santa Clara, são aprovadas pela Igreja.

### **Sonhos de missões longínquas.**

Irmã Maria Catarina, em Ferentino, vive sempre em plena atividade, empenhada nos seus deveres de professora e Irmã, atenta e vigilante em melhorar a si mesma e o seu relacionamento com Deus.

Nessa intimidade com o Pai Amabilíssimo e com Jesus Eucarístico, nasce e amadurece a vocação missionária de Irmã Maria Catarina, que se sente sempre mais impulsionada a levar a luz do evangelho além-mar, a doar-se ao amor de Cristo e a difundir o Reino de Deus.

A leitura aproximada das notícias sobre as missões africanas, para a redenção dos escravos, deu vida a seus sonhos de menina. Quando teria desejado encontrar-se no meio de uma multidão de “crianças negras” abandonadas, fazer-lhe o bem, fazer-lhes conhecer o Evangelho.

Os seus sonhos não eram vagas emoções, mas cresceram com ela, transformaram-se em desejo, em necessidade de empenho concreto e, finalmente, se relevam a um chamado:

Em 1835, enquanto o Senhor me concedia uma graça especialíssima, fez-me entender que deveria ocupar-me da conversão de povos de além-mar...”

### **À luz dos acontecimentos.**

De vez em quando lhe chegava carta de seu primo, Mons. Giuseppe Bovieri, embaixador da Santa Sé na Suíça, para alimentar mais ainda o seu grande ideal.

É justamente ele que a faz conhecer Paulina Nicolay. Nasceu entre elas uma grande amizade e projetos missionários. Paulina encoraja a Irmã Maria Catarina a responder ao chamado missionário e, com inspiração profética, diz: “Parto para Jerusalém, querida irmã, e vou preparar-lhe o caminho...lembre-se: o lugar de uma franciscana é junto do Calvário. Antes de morrer, verás tua casa também em Jerusalém”.

A primeira parte da profecia já estava sendo realizada porque a cruz sempre foi a companheira inseparável de Irmã Catarina e, com o passar dos anos, far-se-á uma companheira sempre mais presente e sempre mais amada.

A segunda parte realizou-se em 1885, quando Irmã Maria Catarina enviou a Jerusalém as suas filhas para dirigir o orfanato feminino da Terra Santa.

### **A proposta.**

Em 1951, o franciscano Frei Guiseppe Modena de S. Remo, confessor das Irmãs de Santa Clara da Caridade em Ferentino, foi chamado ao Egito pelo Delegado Apostólico Mons. Guasco para um ano de pregação de retiro espirituais.

Naquela época, teve ocasião de falar várias vezes com o Bispo a respeito de suas irmãs de Ferentino e da obra educativa que realizavam a favor da juventude.

O Bispo, sensibilizado pelas carências da sua gente e pela necessidade de ajuda na obra de promoção humana e de evangelização, manifesta o desejo de ter a presença daquelas religiosas do Cairo.

A ideia é bela e atraente, mas ele mesmo prevê as grandes dificuldades para realizá-la. Manifesta ao Frei Modena todos os seus temores e perplexidades, mas, de qualquer modo, dá-lhe toda liberdade de expor às religiosas a ideia de abrir um outra Comunidade Religiosa no Egito.

Frei Modena acolhe imediatamente a ideia e, assim retorna, em 1852, expõe a sua proposta às irmãs. Irmã Maria Catarina, em todos aqueles anos, conseguiria, com uma ação paciente, imperceptível, mas eficaz, comunicar às Irmãs seu ardente espírito missionário. E, então, a comunidade estava sensível e pronta para acolher com entusiasmo a proposta.

Irmã Maria Catarina foi, naturalmente, a primeira a manifestar a sua incondicional adesão e disponibilidade de partir: a vocação missionária, cultivada em tantos anos de permanência só naquela Comunidade Religiosa, está para se realizar...

### **Os preparativos.**

Em uma carta a Mons. Guasco, as religiosas externaram a alegria de poder abrir uma outra Comunidade Religiosa no Egito, justamente perto do lugar em que, segundo a tradição, viveu a Sagrada Família quando fugiu para lá.

Foi este o início de um relacionamento epistolar, através do qual o bispo expõe às Irmãs a difícil situação ambiental e, embora exortando-as a não perderem o entusiasmo e a esperança, convida-as a aguardar o momento destinado pela Providência para realizar a Vontade de Deus e, para obter os meios oportunos e se prepararem para todas privações e sofrimento, firmando-se bem no espírito de São Francisco.

Nesta expectativa, passaram-se se longos anos, no decorrer dos quais Irmã Catarina vai adquirindo todas aquelas disposições e condições que farão dela a missionária corajosa, forte e de limitada confiança em Deus.

Com a habitual confiança no Senhor e na Providencia e o espírito de iniciativa que a distingue, ocupa-se em obter todos os recursos necessários à realização do empreendimento.

### **Em direção à meta.**

Depois de haver obtido, finalmente, a permissão e os subsídios, com a autorização da Sagrada Congregação para a Difusão da Fé, em 25 de agosto de 1859, seis missionárias, entre as quais, a abadessa, Irmã Aloísia Casteli e Irmã Catarina Troiani, deixam Ferentino e vão para Roma. No dia 4 de setembro, com a bênção de Pio IX, partem de Civitavecchia rumo ao Egito. Acompanha-as Frei Giuseppe Modena que teve grande participação na fundação desta missão.

Irmã Maria Catarina tem 46 anos de idade.

### **A primeira provação.**

A navegação foi boa e tranquila, a viagem transcorreu serena até Malta, quando, então, recebem uma triste notícia: a morte de Mons. Guasco no dia em que partiram de Ferentino.

É exatamente o clima que emergem a fortaleza de ânimo e o espírito de fé de Irmã Maria Catarina.

Convencida de que quanto mais faltarem os auxílios humanos, mais se está seguro de ajuda de Deus, sabe recender em toda a confiança na imensa bondade e providência divina:

“ Coragem, Irmãs, destacamo-nos da terra e encontramos entre o céu e o mar; mas não teimamos porque é o Altíssimo que nos guia. Perdemos um pai na terra, mas temos um Pai no céu que não nos abandona nunca; coragem e, em frente! ”.

### **No Egito.**

Retomam a viagem e, no dia 11 de setembro de 1859, as novas missionárias desembarcaram em Alexandria no Egito. Numerosas famílias as esperavam e acolheram-nas como enviadas pela Providência.

No dia 14 de setembro do mesmo ano, entraram no Cairo: era a festa da Exaltação da Santa Cruz, prelúdio de outras imolações, mas, também, de outras tantas incontáveis alegrias.

As missionárias chegam logo a paróquia do bairro chamado Muski.

Assim como São Francisco e os primeiros companheiros acolheram Clara na Porciúncula, os frades franciscanos de Muski acolheram as seis missionárias com velas acesas, ao som do órgão e cantos de louvor e ação de graças.



Depois da celebração, entre a multidão festiva, foram conduzidas a Clot-Bey um dos bairros mais pobres do Cairo, habitado por cristãos de várias origens – e alojadas em humilde e pobre casa, comprada, antecipadamente, para elas, pelo Frei Giuseppe Modena e por Mons. Guasco.

### **O primeiro dom.**

Os amigos benfeitores da Comunidade Religiosa logo publicaram um manifesto que anunciava aos cristãos do Cairo a abertura de um pensionato e de uma escola de educação e instrução de meninas de qualquer cor, nacionalidade, religião ou nível social, sobretudo pobres e abandonadas.

No dia 1º de outubro, a Sra. Giovannina Walmasi e o seu irmão Felice levaram às irmãs de Clot-Bey uma criança adotada por eles e pediram-lhes que educassem na fé católica.

Foi o primeiro dom que o Senhor deu às missionárias, chamadas da Itália para a terra dos faraós.

As irmãs acolhem a pequenina com muita alegria, como precursora de tantas meninas que haverão de se unir a ela e encherão a pobre casa de Clot-Bey.

### **A messe frutifica.**

O espírito empreendedor e ativo de Irmã Maria Catarina não pôde ser contido estreito âmbito de Clot-Bey.

No prazo de poucos anos, as casas e as atividades apostólicas se multiplicaram por todo o Egito. Foi como um acender-se de chamas: uma escola em Bolascco, bairro do Ciro, escolas, pensionatos e dispensários na cidade de Mansura, Damiat, Kafr-el-Zaiat, Ismalia. Mais tarde, outras escolas e orfanatos em Malta, Alexandria do Egito, Jerusalém.

Na Itália, Irmã Maria Catarina abriu casas em Roma, Montefiascone, Bórnio e Milão, onde aceitou numerosas aspirantes à vida missionária.

De fato, muitas jovens provenientes do Oriente e da Europa entraram para fazer parte das Franciscanas do Egito, atraídas pelo fervor e dedicação das Irmãs, pela vida estritamente pobre e alegre, pela perfeita união entre elas, apesar da heterogeneidade de nacionalidade e cor.

Uma destas jovens, depois que se tornara também Irmã, recorda:

“ A comunidade era composta de Irmãs de várias nações: eram italianas, francesas, maltesas, orientais, sudanesas, egípcias, mas todas tinham um só coração. A regularidade era perfeita, a piedade edificante. O que mais cativou foi a suave expressão de amor fraterno, simplicidade no trato e serenidade do aspecto, o empenho no trabalho, a alegria moderada nas recreações. Naquele ambiente, era tão fácil sentir-se em família”.

Madre Maria Catarina e suas Irmãs trabalhavam sem descanso para instruir a juventude, cuidar dos doentes, ajudar e assistir os anciões, os pobres, os marginalizados, reconciliar as pessoas divididas, levar a concórdia às famílias.

As obras de misericórdia corporais e espirituais ocupam os dias das Irmãs. Todo sofrimento as toca, toda miséria encontra nelas uma resposta de caridade.

Mas a maior prova de zelo apostólico e de caridade de Madre M. Catarina foram as duas obras missionário-sociais, às quais dedica a riqueza do seu coração materno: a obra das mourazinhas e a dos recém-nascidos abandonados.

### **As mourazinhas.**

O documento com o qual Gregório XVI, em 1839, rejeitou, com firmeza apostólica, o tráfico de escravos, suscitou a generosa resposta de homens corajosos e audazes como os sacerdotes Pdre Biaggio Verri e Padre Giovanni Battista Oliveri. Foi junto deles que por 22 anos encontramos Madre Maria Catarina empenhada na obra de resgate das mourazinhas.

É curioso e misterioso o encontro deles com Madre Catarina.

Em 1856, Padre Biaggio foi internado no hospital europeu de Alexandria no Egito, gravemente enfermo. Em sonho, pareceu-lhe ver algumas Irmãs Franciscanas, vindas ao Egito, as quais o ajudaram no resgate das mourazinhas.

Curado da longa grave doença, vem a saber, realmente, algumas franciscanas haviam se estabelecido há pouco no Cairo. Propõe ao Padre Oliveri e ao delegado apostólico que as enviem para colaborar na Pia Obra de Resgate.

Irmã Maria Catarina viu, assim, realizado seu sonho tão bonito e tão querido, concebido desde pequena na Comunidade Religiosa de Ferentino, quando se orgulhava na leitura das notícias das missões africanas.

Abriu-se o Colégio das mourazinhas nos primeiros meses de 1860. Irmã Catarina deveria enfrentar grandes sacrifícios para libertar, educar e instruir as mourazinhas que amava como filhas. Cuidava delas, apesar do mau cheiro e não tinha repugnância de beijar-lhes o rosto, cheio de feridas. Chamava-as seus anjinhos.

Adquiria, de preferência, as mais doentes, as mais repugnantes; faz-se para elas serva, enfermeira, mãe. E aquelas pobres criaturas, que do chicote do carrasco se encontram em braços maternos, sentem nascer em seus corações o mais sincero amor pela “Mamma Bianca”, como a chamavam e, como admiração, sentem o desejo de abraçar aquela religiosa que faz as pessoas serem tão boas.

Preocupa-se em prepará-las para a vida e em assegurar-lhes o futuro. Quando deviam sair do colégio, procurava colocá-las junto a boas famílias, as quais continuavam a interessar-se por elas. Também as mourazinhas, depois de ter deixado o colégio, continuavam a recorrer a Irmã M. Catarina para aconselhar-se sobre suas dúvidas, dificuldades, opções e decisões. Era como um voltar à casa, porque sabiam que eram sempre bem acolhidas e amadas.

## **Os recém-nascidos abandonados<sup>2</sup>.**

Eram, esses pequenos seres, o fruto da prostituição.

Madre Maria Catarina mandava pessoas de confiança, à noite, vasculhar os jardins público e as entradas, dava gorjeta aos guardas noturnos para que se dirigissem à Clot-Bey, a qualquer hora do dia ou da noite, a fim de levar-lhe crianças abandonadas, se acaso as encontrasse. Pagava às babás para que nutrissem e fazia de tudo para que sobrevivessem.

Designou uma irmã como enfermeira ambulante, encarregada de batizar os pequenos moribundos que já estava sem condições de serem transportados. O seu desejo de “salvar almas” era enorme, mas grande era também a ser prudência: encontrava-se num país mulçumano, não tinha a certeza de poder assegurar a essas crianças a educação na fé cristã, por isso recomendava que batizassem os pequeninos só em caso de morte certa.

A obra, agora, atingia um notável desenvolvimento e Madre M. Catarina informa o Padre Verri sobre isso. Em um primeiro momento, ele teme que esse trabalho prejudique a obra das mourazinhas.

Madre M. Catarina tranquiliza-o imediatamente e assegura-lhe que a obra das mourazinhas não sofrerá nada.

Não foi difícil convencê-lo, pois o Padre Verri conhecia a fundo o coração e o bom senso da sua preciosa colaboradora. Assim, conquistando-a para a causa dos “roupa-paráiso”, como costumava chamá-los, começa a recolher ofertas, também, para esses pequeninos abandonados.

Durante sua vida, a infatigável “Mamma Bianca”, como era chamada pelas criança e pela gente do Cairo, cooperará no resgate de 748 mourazinhas e na educação de 1574 recém-nascidos abandonados.

É um número alto de resgatados, mas poderia ser bem maior se houvesse mais ajuda financeira para levar avante essa obra. É o que ela diz com profunda amargura a um jornalista que, visitando o Instituto, lhe pergunta: “Quanto custa uma menina? ”

-“Depende: uma de 12 anos, bela, sã, robusta, chega a 400 liras; uma enferma, se consegue por 20 liras, como mercadoria quebrada. E, na maior parte das ocasiões, devemos apressar-nos em catequizar e batizar, porque, em poucas semanas, pobrezinhas, morrem em nossas mãos... Se pensassem nessas indefesas criaturas certos cristãos da Europa, que jogam tesouros em noitadas, em divertimento, em acessórios para cavalos, se o soubessem certas senhoras, que empregam milhares de liras em vaidade...”

## **Pobreza e Providência.**

O cofre da casa de Clot-Bey não é rico. A contínua aquisição de mourazinhas e de recém-nascidos abandonados e a sua manutenção exigem somas consideráveis. No entanto, a Senhora Pobreza reina sempre em todos os lugares, soberana.

Os subsídios são poucos, as esmolas incertas e, frequentemente, falta pão.

Um dia, em Clot-Bey, não havia nada na despensa. Ouviu-se bate à porta. Era um homem com um saco cheio de arroz, café, sabão e outros bens de Deus. A porteira foi falar com Madre Maria Catarina e ela lhe respondeu:

-“Receba os sacos e pergunte o nome do benfeitor para podermos lhe agradecer”.

Quando a porteira voltou, não encontrou mais o homem, nem o carro, somente os sacos.

Eis por que a mãe não se desencoraja nunca. Eu estou com Deus”, dizia, e vai adiante, agarrada à Providência que intervém, frequentemente, de modo extraordinário, para não dizer milagroso, por meio de São José, a quem tinha grande devoção.

### **Um grande amigo.**

Madre Maria Catarina tinha grande confiança em São José. Considerava-o o superior, o patrão da casa, o tesoureiro, o guardião.

Quando não tinha dinheiro, dirigia-se a ele e tudo se resolvia.

Dizia-lhe:

-“Esta não é a minha família, mas a vossa. Pense porque eu não tenho o que dar de comer àquelas criaturinhas”.

E mais uma vez aconteceu que a bolsinha da Providência que foi por ela pendurada, com confiança, no pescoço e no braço deste seu amigo protetor, de manhã, continha dinheiro de que ela precisava. Ela, porém, fazia sua parte, passava toda a noite em oração.

As intervenções de São José foram inúmeras.

A casa de Clot-Bey era dedicada a ele. Procurava-se em um quadro de São José para pôr na Igreja, mas, no Egito, era impossível encontrá-lo, seria preciso mandar vir da Itália. De repente, chegou um pacote. Quem mandou? O que contém? Permaneceu alguns dias à espera de que alguém o reclamasse e, finalmente, as Irmãs decidiram abri-lo. Continha um grande quadro que representava a morte de São José. Nunca ninguém soube quem o mandara.

Estavam todas à mesa. A Madre, depois da benção, diz:

-“Filhinhas, não temos pão, somos pobres como São Francisco, porém não temais porque São Francisco e São José pensarão em nós...”

Depois de meia hora, chegaram duas cestas de pão.

O Cairo foi agitado por um grande terremoto. As casas em torno da comunidade de Clot-Bey ruíram, a parede do noviciado se abriu de tal modo que podia entrever o céu. As Irmãs estavam aterrorizadas. Veio Madre Maria Catarina com toda sua calma, trazendo na mão medalhas de São José.

Disse:

-“Ficai calmas, São José pensará nisso também”.

E coloca as medalhas nas brechas da parede que, logo em seguida, se fecharam...

### **A mediação humana.**

A Providência divina age também através da mediação de pessoas generosas que fazem chegar ajuda às nossas missionárias, cuja pobreza era evidente, assim como a humildade e a caridade.

Mas nem sempre o auxílio era espontâneo e, então, Madre Maria Catarina, pobre entre os pobres, não se envergonhava de estender a mão. Como filha de São Francisco, sabia bem que a esmola enriquece quem recebe, mas, sobretudo, aqueles que doam, porque o Senhor os cumula de bênçãos.

Assim, na sua simplicidade franciscana, procura todos os meios, estuda mil possibilidades, rompe todos os protocolos até conseguir abrir algumas portas e encontrar-se com papas, reis, imperadores, ministros, homens importantes que se enamoram da grande ação humanitária dessa pequenina mulher e se transformam em seus maiores benfeitores.

É assim que se encontra com Ferdinando de Lesseps, com o príncipe Amedeo de Savóia, com o de Parme, com a irmã do Reis de Nápolis, com o primeiro-ministro do Rei da Itália, com Vitório Emanuel II, com o imperador da Áustria, Francisco José, e com outras altas personalidades de passagem pelo Cairo.

Seu colaborador era o proprietário de um hotel de Cairo, que informava da chegada de tais pessoas.

### **A filha do turco.**

Para obter os meios econômicos necessários para levar avante as suas obras de beneficência e de cristianização, solicita e obtém a intervenção até daquelas autoridades civis que não tem a mesma fé que a sua.

Apresenta-se ao Vice-Rei, Ismail, que acolhe, paternalmente, em audiência secreta, Madre Maria Catarina e suas companheiras.

Depois de ter-se informado de todos os particulares da missão das Irmãs, das escolas, dos métodos de ensino, pergunta do que é que necessitam e declara-se pai das Irmãs, empenhando-se em ajudá-las em tudo que for preciso. De fato, doa terrenos e envia para as obras subsídios em dinheiro e trigo.

Foi juntamente essa cortesia do Paxá Ismail que provocou uma brincadeira de Pio IX que, dirigindo-se à Madre Catarina, pergunta-lhe divertidamente:

-“Então vocês são filhas do turco? ”

### **A separação.**

A multiplicação das obras e atividades faz-se bem depressa, causando atritos e incompreensões com a Comunidade Religiosa de Ferentino. Isso, talvez seja a causa providencial, preparada por Deus para dar vida a um novo Instituto; pois o Espírito Santo sopra onde quer os seus carismas, para enriquecer a Igreja.

Os contrastes mais evidentes nascem do fato que a Regra e as Constituições das Irmãs de Ferentino se revelam logo inadequadas às exigências da vida religiosa em missão. As obras missionárias absorvem dinheiro e pessoas, tornando-se oneroso mantê-las; além disso, os bispos e as Religiosas de Ferentino são guiados por critérios muito diversos, para não dizer opostos, ao avaliar a situação.

Mas Irmã Maria Catarina, como todos os profetas, estava intuindo os sinais dos tempos, enquanto outros estão ainda bem longe de intuir que contemplação e missionariedade não só são confiáveis, como essenciais. Uma é importante à outra.

De Ferentino chega o ultimato: voltar à Comunidade de origem ou separar dela. Foi para Irmã Maria Catarina e para suas Irmãs uma das maiores provas. Rezaram, conversaram entre si, pedem conselho ao Vigário Apostólico do Egito, que intervém a favor da missão, mas a separação foi inevitável.

Cheias de amargura, mas também de esperança, Irmãs Maria Catarina encorajou as companheiras:

-“Ficai tranquilas, virá o dia em que nossas coirmãs pedirão para se unirem a nós”.

Trinta anos depois, em 1895, as religiosas de Ferentino pediram e foram aceitas no Instituto das Franciscanas Missionárias do Egito.

### **A fundadora.**

Com a separação, as missionárias do Cairo encontraram-se em situação irregular.

Era necessário recorrer à Roma para serem conhecidas como Instituto Missionário, independente da Comunidade Religiosa de Ferentino. Era preciso obter reconhecimento para pertencer à grande família franciscana da Ordem dos Frades Menores e, para tanto, era indispensável a elaboração de uma regra e de uma constituição adepta.

As dificuldades que se apresentam foram muito sérias. De fato, as obras de Deus se fundam sempre na rocha da provação e do sacrifício. Irmã Maria Catarina estava convencida disso e dizia:

-“A nossa missão florescerá porque colocou suas raízes nas provas mais árduas...”

Como sempre, armada de coragem, de fé, de caridade e de esperança, correu à Roma. Lá expôs ao Cardeal Barnabó, prefeito da Sagrada Congregação para a Difusão da Fé, o estado da missão, a situação econômica, o resultado da obra realizada desde 1859 até 1868. O prefeito se alegrou pela frutuosa atividade desenvolvida, entendeu a nova situação e as novas exigências das missionárias, propôs que adotassem a Regra da Ordem Terceira Regular de São Francisco que, sem mudar a substância, ou seja o modo de vida, permitia-lhes um novo impulso e desenvolvimento da Missão.

Irmã Maria Catarina empenhou-se em tal ponto que, com o decreto de 5 de julho de 1868, o Instituto das Franciscanas Missionária do Egito se tornou um fato consumado. Irmã Maria Catarina permanecerá, em sucessivas eleições, até a sua morte, como superiora geral.

### **Caridade fraterna.**

Sendo efetivada a separação, a Sagrada Congregação para a Difusão da Fé impôs às Irmãs de Santa Clara da Caridade de Ferentino a restituição de tudo que cabia às missionárias do Cairo.

Madre Maria Catarina perdoou as antigas coirmãs de todas as coisas e, em uma relação à Congregação para a Difusão da fé, assim justificou a sua decisão:

-“Se o vínculo da caridade fraterna é o que distingue os seguidores de Cristo, quando mais isso deve ser realizado para as religiosas... Exigir que as coirmãs de Ferentino nos indenizem agrava os ânimos das mesmas, pois se encontram na impossibilidade de fazê-lo. Dito isto, conluo e declaro, em nome também das coirmãs do Cairo, que não pedirem mais nada”.

A caridade fraterna e a unidade reinavam dentro das comunidades. Madre Maria Catarina abraçava a todas com o mesmo afeto que tinha por cada uma ternura de mãe. Exorta as suas filhas a que se amem mutuamente, insistindo no fato de que todas temos defeitos.

Era muito severa com quem murmurasse:

-“Cada pessoa tem seus fins ao agir, cabe a Deus e não a nos julgar”.

### **Nas fontes da Vida Apostólica.**

A vitalidade apostólica de Madre Maria Catarina pode ser compreendida pelo seu contínuo empenho de conformar-se à Vontade de Deus, por sua fé simples e indestrutível, pela esperança certa e luminosa, pela caridade para com Deus e o próximo.

A sua esperança e confiança em Deus foram notáveis a ponto de ser chamada “a mulher da confiança de Deus”.

Leva as suas companheiras também a essa esperança e confiança, principalmente com o exemplo: “Se a visão de uma passageira e pequena conquista sustenta, em meio ao oceano, o pobre navegador; se a esperança de uma próspera colheita torna leve ao agricultor os rigores do inverno e calor do verão, o que não será então uma esperança fundada não em palavras do homem, mas na Palavra de Deus e na expectativa não dos bens passageiros, mas dos internamente duráveis? ”

Todas essas virtudes e certezas foram alimentadas por uma profunda e intensa vida de oração de Jesus Sacramentado. Eram essas as suas horas mais belas, o seu paraíso e ali, diante do Tabernáculo, frequentemente passava as noites.

Durante o dia, lembrava a presença de Deus e exortava as suas coirmãs a se unirem espiritual e frequentemente a Jesus Eucarístico, a oferecer cada instante, cada pensamento, palavras ou ação a Deus. Mantinha-se sempre em comunicação com o seu Senhor, invocando-o sempre:

-“Deus meu, ajudai-me. Vinde em meu socorro...Jesus, dai-me força...Jesus dai-me fogo, para que possa consumir-me de amor por vós”.

Para manter sempre unida a Jesus Sacramentado, encontrou um recurso: em um quadro, pintou, ao alto, o Santíssimo Sacramento em baixo, à direita, São José em atitude de adoração; à esquerda, o seu anjo da guarda; embaixo, o Monte Calvário com as três cruzes. Quando não podia ir à Igreja, encarregava São José e o Anjo da Guarda para adorar por ela a Jesus Sacramentado.

A Eucaristia estava no centro de sua vida, de sua ação, e de sua Comunidade. Da Eucaristia emanava o seu culto, o seu amor pela humanidade do Salvador.

Como São Francisco, Madre Maria Catarina nutria uma grande ternura pelo Menino Jesus de Belém e queria ver, de qualquer modo, com os olhos do corpo, a humildade da Encarnação do recém-nascido, Rei pobre. Por isso contemplava-o no presépio e o lavava em procissão por toda a casa na época de Natal.

Também o desejo de experimentar as dores da Paixão de Cristo fez-se, como para São Francisco, o seu estado habitual:

-“Quero ser sempre a perpétua adorada da Vossa Santíssima Paixão, daquele modo que vós sabeis, mas sempre escondidas aos olhos de todos, não querendo testemunha do meu sofrer senão vós, só, só, só”.

### **A nossa Mãe.**

Todas as devoções de Madre Maria Catarina devem ser consideradas à luz do mistério Eucarístico: a devoção para com o anjo da guarda, para com São



Francisco e Santa Clara, para com o Sagrado Coração de Jesus, e para com Maria e São José.

Uma alteração particular merece devoção a Maria, que cresce nela paralelamente ao seu amor a Cristo, até fazer-se vida.

A recitação do rosário insere-a no mistério da Salvação realizada por Cristo com a colaboração da Virgem Maria.

Todas as práticas de piedade em honra da Mãe de Jesus culminam na bênção ou na Celebração Eucarística, memorial da Paixão-Morte-Ressurreição do Senhor.

Madre Maria Catarina honra Maria sob vários títulos; Assunta, Imaculada, Dolorosa, da Esperança, do Bom Conselho, mas, sobretudo, amava considerá-la e chamá-la com o nome “Mãe”.

Maria, a quem aprendeu a amar desde pequenina, era também a advogada, o refúgio, o conforto. Do seu amor pela Mãe de Deus e nossa, nasce o desejo de fazê-la conhecida. Sentia-se alegre ao ouvir que a honravam em diversas línguas. Exortava as Irmãs, as mourazinhas, as órfãs e as alunas a amar Maria, a confiar nela, a imitar suas virtudes. Aconselhava-as:

-“Quando tiveram qualquer sofrimento, recorram a Nossa Senhora, coloquem tudo em suas mãos, a nossa Mãe”.

Assim, quis Maria Imaculada como padroeira do Instituto.

### **O lugar de uma franciscana é no Calvário.**

Vinte e três anos se passaram desde que Madre Catarina iniciou sua obra de promoção humana e de evangelização no Egito.

O fértil terreno de provações nunca faltou em sua vida, principalmente, durante a Missão e serviu para confirmar que o lugar de uma franciscana é junto ao Calvário...

Inveja, maledicências, ciúmes, maus tratos, incêndios, terremotos, cólera, guerra um pouco o seu pão cotidiano.

Era atitude constante em Madre Catarina o querer imitar o ânimo inabalável de São Francisco. Em meio às provas, nunca perde o seu otimismo, o bom humor, o sorriso. Ou melhor, exatamente as provas são o pressuposto da sua bem-aventurança, porque crê nas promessas e na fidelidade do Senhor: “Se perseguiram a mim, também perseguirão a vós... sereis afligidos, mas a vossa aflição se transformará em alegria...”

Estamos no ano de 1882. Madre Catarina tinha 69 anos.

Ora, justamente enquanto a missão estava florescendo, a revolta dos árabes, que queriam expulsar os ingleses do Egito, obriga-a a abandonar tudo e a partir fugitiva, com as Irmãs e as meninas, para procurar refúgio onde quer que encontrasse: Marsélia, Jerusalém, Nápolis e outras localidades do Lácio, na Itália.

Cessando o conflito, Madre Catarina retorna à casa que deixaram às pressas.

### **Morre uma santa.**

Em janeiro de 1887, Madre Maria Catarina completa os 74 anos de idade e escreve, serena e com bom humor, a quem se congratula com ela:

-“Sim, eu estou bem, mas agora já sinto a doença da velhice”.

Na verdade, já não estava bem de saúde, mas estava resignada e paciente. Sofre em perfeita alegria e não deixa que os seus sofrimentos sejam um peso para os outros. Mantém-se sempre calma, tranquila.

Mas o coração cede e as pernas, todas cheias de varizes inflamadas, incham. Passa os dias da Semana Santa em fervor de espírito extraordinário. Resiste em pé a tarde da Páscoa para não atrapalhar a alegria de suas filhas, por ocasião da Páscoa da Ressurreição, depois põe-se na cama para não mais se levantar.

Quem a visitou nesses últimos dias sentiu-se profundamente edificado por ter visto como se preparam os santos para morrer. O Cônsul italiano, a Provincial das Irmãs do Bom Pastor e, por fim, um Paxá turco vieram visitá-la, este último trazendo o seu médico particular, porque queria salvar a “anônima benfeitora do Egito”.

Então, Madre Maria Catarina sente que a morte está perto. Quer ao seu redor todas as Irmãs e meninas para o último adeus. Recomenda às suas Irmãs que tenha coragem e grande confiança no Senhor.

Depois, mergulhada no “Amabilíssimo Deus” a quem tanto amou, unida a seu “Esposo Crucificado” a quem recebeu na Eucaristia na aurora deste último dia de vida, Madre Maria Catarina deixou, docente, a Terra. Eram 11h15 do dia 6 de maio de 1887.

### **Morreu a mãe dos pobres.**

Quando a notícia de sua morte se espalhou pela cidade do Cairo, pessoas de todas as classes vieram homenageá-la.

Aos funerais dessa humilde mulher, acorreram europeus, árabes e turcos. A exclamação unânime, repedida pelas vias do interminável cortejo que ia de Clot-Bey ao Cemitério Católico era:

“A mãe dos pobres morreu”,

Um jornalista francês testemunhou esses acontecimentos, relatando em seu jornal, a profunda admiração por essa grande mulher.

**Se o grão de trigo caído na terra morre  
produz muito fruto.**

Madre Maria Catarina morreu sem nunca ter abandonado suas convicções. Esvaziou-se de si para encher-se do amor de Cristo, para fazer-se alimento aos irmãos vizinhos e distantes. Não reservou nada para si, tudo doou.

Ela, pequenina semente, fez-se grande árvore que estendeu suas raízes e seus ramos a quase todos os continentes para ir ao encontro das necessidades de cada pessoa.

Novas terras, novos irmãos para amar... A cruz abraçada por Madre Maria Catarina está desenhada sobre o mundo, onde suas filhas chegaram para levar o amor e o Evangelho de Cristo, que tudo abraça: da África à Europa, da Ásia à América. A sua obra continua e precisa muito de operários do Evangelho que sintam o urgente chamado de Cristo: “A messe é grande, mas os operários são poucos...” (Mt 9, 37) “Ide também vós trabalhar na minha vinha” (Mt 20, 4).

No Capítulo Geral de 1950 o nome do Instituto de Franciscanas Missionárias do Egito foi modificado por Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria.

### **“... Missionária na contemplação e Contemplativa na Missão. ”**

Foi assim que o papa João Paulo II caracterizou Madre M. Catarina no dia de sua Beatificação-14 de abril de 1985.

Essas duas dimensões de uma única doação fizeram desta grande mulher a evangélica e perfeita discípula de Jesus. Buscou a Vida Religiosa Franciscana para estar com o Mestre (contemplação) e levar o seu Evangelho (missionariedade) aos irmãos mais necessitados e marginalizados -aos povos de “além-mar”.

A Bem-aventurada Maria Catarina Troiani viveu, em seu cotidiano abnegado e simples, as virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade até às últimas consequências.

A intuição originária da forma de vida de Madre M. Catarina brotou do seu profundo desejo de viver, radicalmente, o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, para ela o “Esposo crucificado nu, e abandonado”, e nele ir ao encontro dos últimos, anunciados o Evangelho a Vida.

### **Seguindo os passos de Madre M. Catarina.**

Esta mulher, que viveu a Igreja venera como Bem-aventurada, se colocou na aventura missionária do século XIX com a extraordinária novidade de um carisma que viu, pela primeira vez, mulheres italianas colocarem-se ao lado dos missionários na terra do Egito para o anúncio do Evangelho aos mais distantes e abandonados.

Foi ali no Egito que nasceu e se desenvolveu o Instituto que, como sua Fundadora, é chamado pelo Espírito Santo a viver em fraternidade franciscana o Evangelho de Jesus.

O carisma da grande “missionária do Egito” se estendeu, em favor dos pobres e necessitados, também no Brasil, onde estamos desde 1907.

Continuando a sua “intuição”, suas irmãs querem ser, ainda hoje:

**Franciscanas,**

Porque chamadas a viver em FRATERNIDADE e MINORIDADE o Evangelho de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado;

**Missionárias,**

Porque chamadas a “ir a todos os povos” para ANUNCIAR o Evangelho sobretudo aos “mais distantes”;

**Do Coração Imaculado de Maria,**

Porque chamadas a viver como MARIA,

**CONFORME A PALAVRA DE DEUS O SERVIÇO  
AOS “ÚLTIMOS”.**

“IDE...

Fazei que todas as nações se tornem  
discípulos, batizando-as  
em nome do Pai, do Filho  
e do Espírito Santo  
e ensinando-as a observar tudo  
quanto vos ordenei.

Mt 28, 19-20

“Chamadas a atualizar a missão confiada por Deus à Madre M. Catarina, fies ao Papa e a serviço da Igreja, empenhamo-nos no nosso mistério apostólico específico para:

- Testemunhar e anunciar a todos os povos o mistério de Cristo através da evangelização;
- Nutrir e guiar a mentalidade de fé dos irmãos, mediante a catequese ocasional e sistemática;
- Colaborar para a promoção de pequenos, dos pobres e dos necessitados, através das iniciativas educativas e assistenciais do nosso Instituto.

Constituições

### **Pensamentos.**

O Senhor me fez entender querer de mim uma coisa para sua maior glória e salvação das almas...

Madre Catarina Troiani

...o fim principal que nos conduziu ao Egito foi justamente fatigar-nos para ganhar almas para Deus...

Madre Catarina Troiani

Recordai-vos..., nós recebemos uma graça que não foi concedida a todos... nascer de pais cristãos... no seio da Igreja Católica... não cesseis jamais de agradecer a Deus, seja reconhecida por toda a vida.

Madre Catarina Troiani

...foi colocada junto às Clarissas de Ferentino para ser educada: tinha, então, seis anos. Era sempre boa e correspondia à graça do Senhor.

...comportava-se muito bem, mesmo sendo um tipo muito vivaz.

Dos testemunhos

“Deus nos chamou...VAMOS! ...

As almas: esta são as únicas alegrias que nós saboreamos e quais qualquer privação, qualquer sacrifício nos pareceu nada”.

Madre Catarina Troiani

Minha caríssima, lhe asseguro que tenho um grande desejo de fazer a Santíssima vontade em todas as coisas...

Madre Catarina Troiani